



A banda (a)típica: a construção da germanidade no ciclo de apresentações da Banda Treml nos anos 1960

Giovanni de Sousa Vellozo¹

Resumo

Ao longo da década de 1960, a Banda Treml, sociedade de música instrumental de São Bento do Sul (SC) atuante desde 1913, foi um caso exemplar em duas áreas de atividades musicais. Primeiro, a discográfica, com a gravação pioneira de quatro LPs entre 1961 e 1965, ajudando a consolidar um novo nicho de mercado no Sul do país, com bandas oriundas de comunidades descendentes de imigrantes. Segundo, a de apresentações ao vivo, com concertos do grupo espalhados por pelo menos quatro estados (Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro). Majoritariamente, nota-se que a participação da Banda se dava em festas de chope e cerveja, espaços portanto que celebravam um ideal de germanidade e enfatizavam a presença do grupo como uma representação “típica” dessa mesma identidade. Esta apresentação para o 18º Encontro MusiMid foi pensada a partir da análise das menções à Banda no portal da Hemeroteca Digital Brasileira. Ao todo, foram encontradas menções em 14 publicações de três estados, durante os anos 1960. A apresentação tem como objetivo principal compreender como ocorreu essa construção identitária a partir dos recortes de notas e anúncios de imprensa sobre a Banda Treml. Assim, problematiza nos espaços de atuação da Banda as potencialidades e limites dessa germanidade, muitas vezes vista como parte de uma tradição homogeneizante e contínua no tempo; e também enquanto um esforço de integração ao contexto socioeconômico nacional após o período da Campanha de Nacionalização. Para tanto, serão utilizados os referenciais teóricos de Seyferth (1990), a respeito da concepção de identidade germânica, e de Flores (1997) e Werling (2016), em relação à discussão das categorias de “típico” e “autêntico” nas festas germânicas. Para auxiliar também nessa discussão, será retomada a relação da Banda no período com a música gravada, a partir da consolidação de um segmento fonográfico voltado aos “mercados regionais” (VICENTE; MARCHI, 2014), a fim de colocar em perspectiva a articulação de referenciais musicais de origens não-germânicas no repertório do grupo. Essa pesquisa se relaciona com o trabalho de Mestrado do proponente, feito com bolsa CAPES entre os anos de 2020 e 2022.

Palavras-chave: Bandas Catarinenses, Germanidade, Música Catarinense, Música Regional, Jornalismo Musical

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGMUS/UDESC), Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pesquisa financiada pela bolsa CAPES/DS.



Introdução

Na segunda metade do século XX, um nicho de mercado ligado a uma manifestação musical do Sul do país se consolidou na indústria fonográfica brasileira. Este nicho consistia na música das bandas, conjuntos majoritariamente instrumentais ligados a comunidades de imigrantes germânicos no interior de estados como Santa Catarina e Rio Grande do Sul (STAMBOROSKI JR., 2010). Esses grupos tinham origem no associativismo imigrante, a partir da formação das chamadas *Vereine*, termo comumente traduzido como “Sociedade”. No âmbito musical, há registros da formação dessas sociedades desde pelo menos a segunda metade do século XIX, divididas em *Gesangvereine* (sociedades de canto, para música vocal) e *Musikvereine* ou *Musik-Kapellen* (sociedades de música instrumental) (ROSSBACH, 2009), sendo destas últimas a ascendência direta das bandas do mercado fonográfico.

Os primeiros registros musicais em fonogramas desses grupos datam pelo menos desde a década de 1910, na Casa Elétrica - Discos Gaúcho, em Porto Alegre, com a participação de conjuntos como o Grupo Hamburguez e o Grupo Cahyense, vindos de cidades do interior gaúcho (SANTOS, 2011). Contudo, com a falência da empresa em 1924, essa iniciativa de gravações foi efêmera e não chegou a constituir um período de contínua produção discográfica dessa manifestação musical. Isso só aconteceria a partir da década de 1960, em um contexto de expansão e integração do mercado de bens culturais brasileiro (ORTIZ, 1985) e de ascensão do formato discográfico do long-playing (LP) como o principal produto do mercado fonográfico nacional (TOSTA DIAS, 2012). Assim, ao longo das décadas finais do século, bandas dessa manifestação musical fariam parte do *cast* de gravadoras voltadas para um segmento fonográfico de músicas vistas como regionais (VICENTE, MARCHI, 2014), com alguns grupos chegando a constituir uma série discográfica de mais de uma dezena de LPs gravados.

Para além dos discos, a circularidade desses grupos também se associou a um movimento de valorização dos colonos pioneiros de origem germânica. Isso se deu tanto em uma perspectiva de contraposição ao período repressivo da chamada Campanha de Nacionalização dos anos 1930 e 1940 quanto, em um segundo momento, como iniciativa de fomento econômico ao turismo relacionado a essas origens. Entre outros fenômenos, são característicos a esse momento o incentivo à recriação de uma arquitetura imigrante (VEIGA, 2014) e a consolidação de um calendário de festas com atividades culturais – incluindo a prática musical – apresentadas como parte de uma tradição germânica (FLORES, 1997).

Este trabalho parte de um caso estudado em uma pesquisa de mestrado, e tem a finalidade de discutir justamente como ocorreu a construção identitária germânica em relação



à atividade de um grupo musical. Trata-se da Banda Treml, de origem em São Bento do Sul (SC), cidade do Norte/Nordeste Catarinense. O recorte se deu temporalmente na década de 1960, período de entrada da Banda Treml no mercado fonográfico, e teve como corpus principal as menções ao conjunto coletadas em jornais na Hemeroteca Digital Brasileira.

A estrutura do trabalho tem quatro seções principais. Na primeira, haverá uma breve descrição biográfica da Banda Treml e uma apresentação do material coletado a respeito do conjunto. Na segunda, será discutida como a categoria da germanidade do grupo é apresentada nos trechos de jornal; e na terceira, será feita uma análise dessas descrições à luz de leituras ligadas à identidade germânica no país. A quarta e última seção contrapõe o ideal germânico da banda com a produção discográfica e registros de apresentação em sua cidade natal, com algumas considerações finais sobre o assunto.

A Banda Treml e os jornais

Tal como expresso na introdução, a Banda Treml também se insere na lógica de sociedades musicais de imigrantes. Registros de conjuntos instrumentais em São Bento do Sul datam pelo menos desde a primeira celebração de um casamento na cidade, em 1876 (KORMANN, 1990), ainda na primeira década da colonização. Nas décadas de virada entre os séculos XIX e XX há registro de atividades de várias *Musik-Kapellen* atuando em festas e celebrações associativas em São Bento do Sul e região, como a *Kapelle* Augustin e a *Kapelle* Oxford (HENKELS, 2005), formadas por músicos amadores, com naipes de metais e eventualmente percussão.

Na primeira década do século XX, atuava na cidade a *Kapelle* Zipperer, cujo nome, como era comum à época, vinha do sobrenome do maestro Jorge Zipperer. Este acaba por se mudar para a cidade vizinha de Rio Negrinho em 1913, o que levou a uma reformulação do conjunto, agora sob a batuta do alfaiate João Treml. Nascia, assim, a Banda Treml, com 16 integrantes (HENKELS, 2005). Ao longo das décadas seguintes, o conjunto atuaria em festividades na cidade, como as Festas de Escola e Igreja e as Festas de Tiro do Rei, ligadas à Sociedade de Atiradores 23 de Setembro, associação com a qual a Banda Treml sempre teve uma ligação próxima (OLIVEIRA NETO, 2014).

Durante a Era Vargas, aconteceram algumas mudanças na atividade da Banda Treml. Notavelmente durante a Campanha de Nacionalização, o grupo passou a ter ênfase em atividades cívicas, com partituras com títulos traduzidos para o português e atividades em eventos patrióticos. É desse período também que se destacam os primeiros registros das Retretas



**GILBERTO GILBERTO
MENDES MUNDOS**

**18º ENCONTRO INTERNACIONAL
DE MÚSICA E MÍDIA**

18th International Music and Media Meeting



de Verão, apresentações feitas pela Banda em praça pública da cidade natal durante a estação quente. Em termos organizacionais, no período a batuta é passada para o filho de João, Afonso Treml, popularmente conhecido como Xerife, que regeria a Banda até sua morte em 1980 (OLIVEIRA NETO, 2014).

Sob a regência do Xerife, o grupo expandiu as suas atividades no sentido geográfico e midiático. Já em um contexto posterior à repressão da cultura germânica, a Banda fez apresentações fora de Santa Catarina já ao longo da década de 1950. Entre os registros, está a apresentação no centenário da emancipação do Paraná em 1953 e uma ida à então capital federal durante a inauguração de uma filial da Móveis Cimo em 1956 no Rio de Janeiro, com apresentação em frente ao Cine Odeon (OLIVEIRA NETO, 2014). A partir da segunda metade da década de 1950, o grupo também passa a fazer suas primeiras apresentações radiofônicas, na emissora Rádio Rio Negrinho, na cidade vizinha de mesmo nome. Lá, foram feitas as primeiras gravações em fitas, de modo caseiro, que prenunciaram o interesse do grupo em entrar no mercado fonográfico (FENDRICH, 2021).

Nesse sentido, a Banda em 1960 é registrada como pessoa jurídica, com o objetivo principal de conseguir firmar acordo para a gravação de um LP (CADERNO DE ATAS DA BANDA TREML, 1960). Esta se deu em 1961, com gravações feitas *in loco* e enviadas para a gravadora RGE em São Paulo produzir o disco. Em 01 de outubro de 1961, o trabalho é oficialmente lançado com festa na cidade, com a presença de representantes das demais sociedades são-bentenses e do dono da gravadora, José Scatena (AS GRANDES..., 1961). A este disco, pioneira para o nicho de mercado das bandas e do Norte/Nordeste Catarinense, se seguiram outros quatro lançados pela RGE nos anos 1960, sendo três resultados de gravações pensadas diretamente para LPs e uma compilação de músicas saídas nos discos anteriores.

Fora dos discos, a Banda Treml também continuou sua atuação em apresentações. Para além das já descritas atividades habituais em sua cidade, a Banda era chamada para animar festas de clubes e festivais ligados à cultura germânica, notoriamente em relação ao chope e à cerveja. Essa sequência de atuações teve uma interrupção traumática em 9 de agosto de 1965, em um acidente automobilístico em Registro (SP) com o ônibus que transportava a Banda do Rio de Janeiro – onde havia se apresentado no 2º Festival da Cerveja da Guanabara – para São Bento do Sul (OLIVEIRA NETO, 2014; FENDRICH, 2021). O evento foi fatal para o motorista e deixou muitos músicos feridos, reduzindo, ao menos no restante da década, as atividades do conjunto em distâncias mais longas, ficando mais restrito a áreas próximas da divisa entre Santa Catarina e Paraná.



Essas atuações da Banda constituíram, via de regra, a maior parte das menções² ao conjunto em jornais dos anos 1960 encontrados na Hemeroteca Digital Brasileira, que serviram para a análise desta apresentação. Ao todo, essas menções se espalham por 14 jornais entre os estados de Santa Catarina, Paraná e Rio de Janeiro – fora da Hemeroteca Digital Brasileira, há menção também a uma apresentação em São Paulo, no Esporte Clube Pinheiros (ESPORTE..., 1962). O jornal com mais menções foi o curitibano Diário do Paraná, com 57 menções, seguido pelo conterrâneo Diário da Tarde (31 menções) e pelo Correio do Norte (17 menções), jornal da catarinense Canoinhas.

As Festas

Nos jornais verificados, há uma predominância de notícias, notas em colunas sociais e anúncios voltados para a participação da Banda em Festas de *Chopp* e Cerveja, espalhadas pelos três estados mencionados. Ao todo, esses eventos ocupam 103 das 134 menções de apresentação do grupo registradas em jornais no período, com destaque para a Festa do *Chopp* do Iate Clube de Guaratuba, litoral paranaense, com 34 menções; a Festa do *Chopp*/da Cerveja do Clube Concórdia, em Curitiba, com 24 menções; e do Festival de Cerveja da Guanabara, no Rio de Janeiro, com 10 menções. O evento mais mencionado que foge a esse padrão é o do 9º Festival Folclórico ocorrido em Curitiba, em 1967, com 12 menções.

Considerando esses quatro eventos principais, é possível traçar um panorama de descrições da Banda quanto à sua atuação e seu repertório no período. Começando pela Festa do *Chopp* do Iate Clube de Guaratuba em sua primeira edição em janeiro de 1964, a música da Banda Treml foi descrita previamente no jornal Última Hora como “bem típica” (LUZ, 1963) e associada a danças, “no embalo da polca e da valsa” (MAIS DE TRÊS..., 1964). Após a apresentação, a matéria no jornal corroborava com esse panorama, pois o grupo “manteve-se fiel ao seu repertório tradicional: só tocou polcas e valsas, de acordo com o estilo da festa”, gerando inclusive um certo atrito com os presentes, que esperavam músicas carnavalescas em algum momento. Em anos seguintes, descrições do jornal Diário do Paraná chamavam a banda de “a grande vedeta da festa” (EM POUCAS LINHAS, 1965) e afirmavam que o conjunto havia sido contratado “para maior autenticidade do encontro nessa festa típica que já está se tornando tradição no Iate” (FRANCIOSI, 1966). Registros de apresentação do conjunto no evento se dão pelo menos até o último ano da década de 1960.

² Aproximadamente 91% (134) das 145 menções são sobre apresentações da Banda, sendo que das 11 restantes menções, 10 são ligadas a discos do grupo, e há uma matéria de exceção que cita a Banda para se referir aos símbolos da cidade de São Bento do Sul.



**GILBERTO GILBERTO
MENDES MUNDOS**

**18º ENCONTRO INTERNACIONAL
DE MÚSICA E MÍDIA**

18th International Music and Media Meeting



No caso da Festa no Clube Concórdia, há menções explícitas a uma relação germânica a partir da atuação da Banda. A matéria da revista paranaense *A Divulgação* quanto à participação da Banda na segunda Festa da Cerveja enfatiza que “não só esta [a Banda Treml] como também grande parte dos associados [estavam] muito bem caracterizados, o ambiente dava idéia de que se tratava de uma animada festa no estilo bávaro” (FESTA..., 1962). O texto é acompanhado de uma fotografia da Banda Treml uniformizada, se apresentando em círculo. Descrições similares sobre os trajés e o “estilo bávaro” também se repetem nas matérias de 1963 e de 1964 sobre a terceira e quarta edições da festa, respectivamente, com uma menção à “movimentada ‘Polka’” (4ª FESTA..., 1964, p. 9) na última matéria. O adjetivo “típico/a” também aparece para descrever trajés da Banda no jornal curitibano *Diário da Tarde*, nas colunas sociais de Eddy Franciosi e Pedro Américo. Franciosi, inclusive, ao falar da participação da Banda na edição de 1966 no *Diário do Paraná*, descreve a festa do Clube Concórdia como similar aos “encontros famosos de Munique e de outras cidades da bela Alemanha” (FRANCIOSI, 1966, p. 11). A ideia de tradição, curiosamente, também é comentada pelo colunista no mesmo jornal em 1969, mas numa perspectiva de ruptura, no ano em que a Banda Treml é substituída pela Banda Herzer, de Mafra (SC).

Textos sobre o Festival da Cerveja da Guanabara, do qual a Banda Treml participou em 1964 e 1965, já aprofundam essa relação germânica. Uma nota expedida pelo Centro Catarinense e publicada em jornais como *A Noite*, *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil*, dá conta que além do conjunto são-bentense, estiveram presentes na primeira edição grupos como “Banda Musical Rio Negrinho, S.C., Conjunto de Danças do Clube Concórdia, de Curitiba, Conjunto Tirolês, de São Paulo, e Conjunto de Danças da Casa do Minho, da Guanabara” (O CENTRO..., 1964, p. 3), formando um panorama de grupo ligados a práticas culturais germânicas. Uma matéria do *Diário Carioca* descreve também a peça de abertura do festival como sendo a “*Holz Hackerbuam*, popular Marcha dos Lenhadores”, executada pelo conjunto são-bentense. A marcha é novamente citada em 1965, em um texto assinado por Jackson Ribas no *Tribuna da Imprensa*. O autor dá conta de incluir o conjunto entre os “catarinenses [que] bisam festival das bebidas”, escrevendo que:

Independentemente dos conjuntos musicais típicos, participarão também, tocando ininterruptamente as três noites, três bandas de música típicas: a tradicional Banda Treml, de S. Bento do Sul, Santa Catarina, regida pelo popular Xerife Treml; a Banda Musical Rio Negrinho, de Rio Negrinho, Santa Catarina, e a Banda Blumenau. [...] As três bandas, juntas, entoarão na noite do dia 6, ao compasso dos tiros de um canhão de 105 mm, o hino oficial de abertura do Festival da Cerveja: a ‘Marcha ds Lenhadores Alpinos’, que os



**GILBERTO GILBERTO
MENDES MUNDOS**

**18º ENCONTRO INTERNACIONAL
DE MÚSICA E MÍDIA**

18th International Music and Media Meeting



presentes acompanham batendo o ritmo nas mesas com milhares de canecões de espuma de chope, de acordo com a tradição (RIBAS, 1965, p. 8).

Novamente, como se nota, há a ênfase no “típico” e “tradicional” para descrever a atuação da Banda, juntamente a outros conjuntos de cidades de colonização germânica, trazidos para o Rio muito provavelmente pelo mesmo intuito de autenticidade evidenciado na fala de Franciosi sobre a Festa do Iate Clube de Guaratuba. Ainda voltando a Ribas, há uma descrição de como é o projeto do pavilhão do 2º Festival da Cerveja, na qual “o decorador Cleuton Sampaio baseou-se em estudos das diversas praças populares em que se realizam os festivais de cerveja de Munique [...] [e] há detalhes na ornamentação do pavilhão baseados nas cidades de Colônia e Nuremberg” (RIBAS, 1965, p. 8). Tratava-se, portanto, de uma junção de influências de cidades alemãs distintas como remetentes a uma mesma ideia de germanidade expressa pelo festival, tanto pela caracterização quanto pelas atrações.

A associação entre a Banda e o caráter germânico também se dá explicitamente nas matérias do Diário da Tarde e Diário do Paraná sobre a participação da Banda Tremel no 9º Festival Folclórico em Curitiba, em 1967. O grupo se apresentou no dia das etnias de língua alemã, junto ao Grupo Folclórico Germânico de Curitiba, e tratou de executar “canções populares alemãs” (SUREK, 1967, p. 18). Em matéria não assinada do dia 24 de agosto de 1967 no jornal, os dois grupos são descritos como “trajando vestimentas baseadas no folclore alemão (moças usam o ‘Dirndl-Kleid’ e as calças curtas dos rapazes provém da região dos Alpes)”. Novamente pelas fotografias do Diário do Paraná, é notável uma banda uniformizada com vestimentas que remetem ao imaginário germânico, sendo que em uma das legendas de fotos, em coluna de Miecislau Surek, se coloca que a Banda “mostrou como são as tradicionais músicas alemãs” (SUREK, 1967, p. 9).

A Construção da Germanidade

Em suma, os textos colocados na seção anterior trazem uma visão da Banda Tremel bastante associada com um ideal “típico” e de “tradição” germânica, para usar dois termos costumeiramente repetidos. Tais discursos se relacionam diretamente com a constituição de uma identidade germânica no Brasil na segunda metade do século XX, a partir de pelo menos dois aspectos: o esforço de integração ao contexto social e ao progresso econômico brasileiro; e o de uma tradição imigrante vista como homogênea nas origens e enquanto contínua no tempo.

Quanto ao primeiro aspecto, este se relaciona um discurso de exaltação aos pioneiros que atravessa o século XX, correlacionando a sua chegada com o desenvolvimento econômico.



**GILBERTO GILBERTO
MENDES MUNDOS**

**18º ENCONTRO INTERNACIONAL
DE MÚSICA E MÍDIA**

18th International Music and Media Meeting



Seyferth (1990) discute essa correlação a partir do conceito de *Heimat*, que, em tradução livre, seria a pátria com um sentido étnico relativo ao lugar de origem de uma comunidade germânica.

Para a autora, essa relação dos teuto-brasileiros com os pioneiros reflete a *Heimat* enquanto

uma pátria que é, ao mesmo tempo, alemã e brasileira. Étnica e culturalmente ela é teuta, mas é brasileira porque não só está situada dentro do Brasil como seus membros estão integrados econômica, social e politicamente ao Estado brasileiro. Sua “capacidade de trabalho” — um estereótipo sempre acionado para afirmar a “eficiência alemã” — está voltada para o desenvolvimento do país. [...] Esse tipo de argumento não é característico apenas dos jornais e outras publicações anteriores a 1939; ele aparece hoje no discurso de muitos brasileiros “de origem” — uma expressão que indica um descendente de imigrantes. (SEYFERTH, 1990, p. 87)

Um segundo momento histórico de revalorização desse “legado” imigrante se dá justamente após os anos 1940 e o período repressivo da Campanha de Nacionalização. Um exemplo bastante simbólico dessa retomada é o discutido por Silva (2004) em sua tese quanto às Festas do Centenário de Joinville em 1951. Para a autora, essa celebração é marcada por variadas alegorias que demarcam a importância do componente étnico germânico integrado ao progresso brasileiro, em “um esquecimento parcial das dores e silêncios da Nacionalização [...] aposta[ndo] nas lembranças. Lembranças que valorizam as ‘origens’ étnicas daqueles que colonizaram a cidade, [...] ratificando uma imagem antiga, presente na história da cidade – a importância da cultura dos imigrantes alemães – algo tão atacado durante a Nacionalização.” (SILVA, 2004, p. 21).

A institucionalização em torno das celebrações da cultura imigrante acabaria por se intensificar ao longo das décadas seguintes. Em Santa Catarina, isso se dá especialmente a partir de fins dos anos 1970 com a consolidação de um circuito de festas e de uma economia turística voltada para a ideia de “Alemanha Sem Passaporte” (WERLING, 2016). No entanto, já pelo contexto das apresentações da Banda Treml nos anos 1960, fica patente a existência de celebrações desse tipo espalhadas por vários estados, nos quais a Banda apresenta uma sonoridade e uma presença que é descrita como tipicamente germânica.

Esse contexto leva ao segundo aspecto de construção desta identidade, que reside em uma ideia de tradição homogênea mantida ao longo do tempo. Flores (1997) em sua obra a respeito da Oktoberfest de Blumenau instituída a partir dos anos 1980, problematiza o tratamento das atividades culturais como se vindas de “tempos [homogêneos], criando a aparência presente como se fosse de estruturas formais autenticamente originais, numa continuidade com o passado” (FLORES, 1997, p. 36). A autora argumenta, a partir de aportes



**GILBERTO GILBERTO
MENDES MUNDOS**

**18º ENCONTRO INTERNACIONAL
DE MÚSICA E MÍDIA**

18th International Music and Media Meeting



teóricos como o texto de Hobsbawm sobre o conceito de “invenção de tradições” (1997), que tais celebrações faziam uma justaposição de práticas trazidas por imigrantes com outras incorporadas de modo mais recente. Assim, a percepção de “autenticidade típica” da prática musical da Banda Tremel surge de uma premissa de que a música tocada teria que se remeter necessariamente aos primeiros imigrantes. Longe de ser uma questão restrita aos anos 1960, o debate sobre uma autenticidade germânica viria a despontar também nas décadas seguintes em relação às bandas que se apresentaram em eventos como a Oktoberfest blumenauense, conforme aparece em Werling (2016) e Herbers (2014).

Uma última questão que também aparece em relação às apresentações da Banda Tremel é a das origens de imigrantes associados com uma germanidade. Em muitos casos, o que se nota ao verificar os eventos noticiados é a ideia de germanidade enquanto um amálgama de diversos povos e costumes, vistos como um mesmo povo – nos jornais analisados, o alemão. Por um lado essa visão ressoa, para usar o termo de Anderson (2019), o imaginário nacional pangermânico de impacto político e bélico entre os séculos XIX e XX; por outro, dá conta de uma percepção em relação ao teuto-brasileiro que invisibiliza as suas diferenciações para encaixá-los como parte de uma pátria original – novamente a *Heimat* – comum.

A Banda Tremel é um caso bastante sintomático dessa relação, dado que boa parte dos primeiros imigrantes de São Bento do Sul vieram da região da Boêmia (*Bohmerwald*), à época (1873) parte do Império Austro-Húngaro (FICKER, 1973). No entanto, como se viu em alguns dos textos, o conjunto é associado à Alemanha e suas canções de forma quase automática. Nas entrelinhas dos textos jornalísticos, contudo, há evidências claras dessa recombinação de origens como parte de uma só germanidade, especialmente na descrição da organização de algumas das festas – as calças alpinas do Festival Folclórico, a inspiração em Munique, Nuremberg (ambas cidades bávaras) e Colônia (já no Oeste da Alemanha).

Para além do típico

A fim de finalizar esta apresentação, é necessário colocar que essa conformação do discurso jornalístico em torno da Banda Tremel tipicamente germânica contrasta com outros registros do conjunto feitos na mesma década. Um desses registros, primariamente estudado na pesquisa de mestrado, é o do material fonográfico produzido pela Banda. Inicialmente, é possível constatar que há também nos discos também um discurso análogo ao apresentado nos jornais consultados; isto é, que associa a prática da Banda à germanidade dos imigrantes pioneiros, “provindo quase todos das regiões românticas do ‘*Boehmerward*’ [sic], na velha



**GILBERTO GILBERTO
MENDES MUNDOS**

**18º ENCONTRO INTERNACIONAL
DE MÚSICA E MÍDIA**

18th International Music and Media Meeting



Áustria”, e amalgama diversas regiões germânicas como parte de uma mesma tradição, como na comparação de São Bento do Sul a uma “Suiça [sic] Brasileira pelas características arquitetônicas da cidade e pelo teor de vida de sua população ordeira, laboriosa, progressista” (ESCOBAR FILHO, JUNGTON, 1961).

Por outro lado, porém, o material sonoro apresentado nos álbuns dá a entender uma situação mais plural nas origens e temporalidades do repertório, que foge necessariamente a uma relação direta com os primeiros imigrantes. Pode-se perceber esse contexto a partir de duas perspectivas. Primeiro, ao verificar os gêneros musicais executados, nota-se que a produção da Banda apresenta nomenclaturas que fogem a uma exclusividade germânica. Ainda que, ao se verificar o total de gêneros gravados, a maior parte das faixas seja de faixas com títulos em alemão ou dialetos germânicos, há nos discos a presença de gêneros não-germânicos articulados em meio ao repertório. Exemplos disso são o maxixe em faixas como *Chora, Negrinha* e *O Caipira No Salão* (VOLUME 3, 1965; VOLUME 4, 1966) e o chá-chá-chá, termo atribuído à regravação do êxito radiofônico *Marina*, do ítalo-belga Rocco Granata (VOLUME 4, 1966). A aparição destes gêneros ajuda a estabelecer uma relação direta da produção da Banda com o mercado fonográfico do período, sobretudo no contexto do segmento fonográfico regional e seu público interiorano, com artistas ligados a uma difusão radiofônica e integrantes do *cast* de gravadoras nacionais como a RGE pela qual o grupo gravou (VICENTE, MARCHI, 2014).

A segunda perspectiva de comparação é em relação a peças que mesmo em gêneros vinculados a uma germanidade não necessariamente remetem ao trazido por imigrantes período da colonização, e sim a um contato posterior, a partir da mediação do mercado fonográfico e da radiofonia. Um exemplo bastante sintomático disso está no segundo disco da Banda, o Cinquentenário da Banda Treml, lançado em 1963. Este disco contém em seu repertório apenas polcas, com a maioria das composições vinda de fonogramas gravados e difundidos nas décadas de 1930 a 1950. Exemplos são *Barril de Chope (Rosamunde)*, composição do tcheco Jaromír Vejvoda e sucesso internacional a partir da versão de Will Glahé nos anos 1930; e *Fuchsgraben Polka*, composição do tcheco Karel Vacek e sucesso na gravação do Original Egerland Musikanten, grupo de metais (*Blasmusik*) regido por Ernst Mosch.

Outros registros que dão conta de verificar um repertório mais plural no mesmo período são os programas de concerto da Banda expostos no Museu da Música Maestro Pedro Machado Bittencourt, em São Bento do Sul. Estes concertos, dos anos de 1966 a 1968, se davam em setembro, em honra ao aniversário da cidade, e trazem um repertório que combina peças de origem germânica a músicas de outras origens. Entre elas estão dobrados brasileiros, como os do notório compositor Pedro Salgado, e o Samba estilizado *Aquarela do Brasil*, de Ary Barroso.



**GILBERTO GILBERTO
MENDES MUNDOS**

**18º ENCONTRO INTERNACIONAL
DE MÚSICA E MÍDIA**

18th International Music and Media Meeting



Um último registro em texto que denota a sintomática relação entre repertórios brasileiros e germânicos executados pela banda pode ser encontrado na coluna de São Bento do Sul no jornal joinvilense A Notícia, em sua edição de 26 de setembro de 1962³. Segundo a coluna, o concerto teve como

ponto alto a apresentação, em primeira audição, pelo conjunto da cidade, da toada sertaneja de J. Pernambuco e Catulo da Paixão Cearense — “Luar do Sertão”, orquestrada com excelente técnica. Tanto assim que, após o último número do programa, a Banda Tremel foi chamada a bisar a melodiosa página sertaneja.

Não há números a destacar na primorosa execução do programa. Mas, além do “Luar do Sertão”, conquistou muitos aplausos a “Valsa do Imperador”, de Johann Strauss, tocada exatamente após a toada sertaneja, na segunda parte do concerto. (VALIOSA..., 1962).

Desse e dos demais registros, se depreendem duas possíveis interpretações. A primeira é a de que, a depender do contexto – especialmente fora de festas de chopp e cerveja –, havia uma articulação bastante comum entre músicas de origem germânica e não-germânica no repertório do grupo; e que essa relação não só não gerava necessariamente um atrito como poderia ser vista como “ponto alto” das apresentações. A outra interpretação diz respeito à ideia da recombinação de músicas de épocas, origens e difusões distintas como parte de uma mesma tradição germânica, que ainda assim pode ser vista como diretamente ligada aos pioneiros, como no caso citado do segundo disco.

Em ambos os casos, de todo modo, aponta-se para uma atividade musical distante da germanidade estrita apresentada nas notícias analisadas anteriormente. Ainda que a Banda Tremel consista em um caso específico dentre muitos grupos participantes do ciclo de apresentações em festas germânicas, a comparação com a análise das matérias jornalísticas serve para entender os limites das visões de germanidade que norteavam tais eventos e a prática musical nestes. Com a supracitada crescente institucionalização destes eventos e com a consolidação de um nicho fonográfico desses conjuntos musicais de origem em comunidades imigrantes, abre-se uma possibilidade de estudos para verificar tanto as conformações como as tensões decorrentes dessa relação entre o visto como tradicional e como moderno.

Referências

³ Edição acessada no Arquivo Histórico de Joinville, não fazendo por isso parte do corpus desta apresentação.



**GILBERTO GILBERTO
MENDES MUNDOS**

**18º ENCONTRO INTERNACIONAL
DE MÚSICA E MÍDIA**

18th International Music and Media Meeting



4ª FESTA da Cerveja Clube Concórdia. **Revista: A Divulgação**, Curitiba, nov. 1964, p. 9. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/095346/7389>. Acesso em 20 nov. 2021.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 330 p.

AS GRANDES festas de lançamento do primeiro disco da Banda TremL. **A Notícia**, Joinville, 05 out. 1961. Coluna de São Bento do Sul.

CADERNO DE ATAS DA BANDA TREML. São Bento do Sul: Bar Tony. Ata da Constituição, 25 jan. 1960.

CINQUENTENÁRIO DA BANDA TREML. Banda TremL. LP. São Paulo: RGE, 1963.

EM POUCAS linhas informa a equipe do DP. **Diário do Paraná**, Curitiba, 12 jan. 1965, p. 9. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/761672/52161>. Acesso em 20 nov. 2021.

ESCOBAR FILHO, F; JUNGTON, Adelar. **Texto do encarte do Volume 1 da Banda TremL**. 1961.

ESPORTE Clube Pinheiros: Jantar Dançante. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 12 ago. 1962, p. 24. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19620812-26780-nac-0024-999-24-not/busca/BANDA+TREML>>. Acesso em 20 nov. 2021.

FENDRICH, Henrique. **Excertos dos diários da Banda TremL (1954-1989), do músico Herbert Fendrich (1930-2007)**. 2021, 10 p. Não publicado.

FESTA da Cerveja: Grande Sucesso no Clube Concórdia, p. 22. **Revista: A Divulgação**, Curitiba, nov. 1962. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/095346/6706>. Acesso em 20 nov. 2021.

FICKER, Carlos. **São Bento do Sul - Subsídios para a sua história**. Joinville: Impressora Ipiranga, 1973. 367 p.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Oktoberfest: Turismo, festa e cultura na estação do chopp**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997. 188 p.

FRANCIOSI, Eddy. Sociedade. **Diário do Paraná**, Curitiba, 14 jan. 1966, p. 9. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/761672/56538>. Acesso em 28 ago. 2022.

FRANCIOSI, Eddy. **Sociedade**. **Diário do Paraná**, Curitiba, 25 out. 1966, p. 11. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/761672/60350>. Acesso em 20 nov. 2021.

GRUPO germânico com Banda TremL hoje no Taramã. **Diário do Paraná**, Curitiba, 24 ago. 1967, p. 7. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/761672/64119>. Acesso em 20 nov. 2021.

HERBERS, Leonie. **A Oktoberfest de Blumenau – uma festa “alemã”?** Grupos de danças folclóricas e programação musical entre Alemanha, Brasil e o imaginário cultural teuto-brasileiro, 1984-2009. HDT [Internet], 14(1):167-81, Passo Fundo. Disponível em: <http://www.seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/4173>. Acesso em 29 ago.2022.

HENKELS, Henry. **História da Música em São Bento do Sul**. 2005. Disponível em: https://sites.google.com/site/hhenkels/hist%C3%B3ria_sbs/musica_sb1. Acesso em 13 jun. 2021.

HOBBSAWM, Eric J., Introdução: A invenção das tradições. In.: Hobsbawm, Eric; RANGER, Terence (org.). **A invenção das tradições**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Coleção Pensamento Crítico).



**GILBERTO GILBERTO
MENDES MUNDOS**

**18º ENCONTRO INTERNACIONAL
DE MÚSICA E MÍDIA**

18th International Music and Media Meeting



KORMANN, José. **São Bento do Sul**. São Bento do Sul: [s.n.], 1990. 62 p.

LUZ, Celina. **Bombeiros Recepionam**. Última Hora, Curitiba, 31 dez. 1963, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830348/18769> . Acesso em 20 nov. 2021.

MAIS DE TRÊS MIL litros de chope para combater o calor: Guaratuba. **Última Hora**, Curitiba, 24 jan. 1964, p. 3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/830348/18949>. Acesso em 20 nov. 2021.

O CENTRO CATARINENSE congratula-se com a Outro Promoções, a Secretaria de Turismo, a Imprensa escrita, falada e televisada e o povo carioca pelo êxito absoluto do 1º FESTIVAL DA CERVEJA DA GUANABARA, e estende seus agradecimentos a todos os participantes que contribuíram para o sucesso total do evento: Cia. Antarctica Paulista, Associação dos Servidores Civis do Brasil, Polícia Militar da Guanabara, Casa Westfália, Panduiche Indústria Alimentícia Ltda., Casanova S.A. Twist, Churrascaria Pirajá, Bar Luiz e Alka-Seltzer. **A Noite**, Rio de Janeiro, 18 jul. 1964, p. 3. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/348970_06/11980. Acesso em 20 nov. 2021.

OLIVEIRA NETO, Wilson de. **A Banda Trem!:** cem anos de música e história. Joinville: Letra D'Água, 2013.

ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira**. Cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 1988. 222p.

RIBAS, Jackson. **Catarinenses bisam festival das bebidas**. Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 24/25 jul. 1965, p. 8. 2º Caderno. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/154083_02/21321. Acesso em 20 nov. 2021.

ROSSBACH, Roberto Fabiano. **As sociedades de canto da região de Blumenau no início da colonização alemã**. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 189 p. 2008.

SANTOS, Luana Zambiazzi dos. **A “Casa A Eléctrica” e as primeiras gravações fonográficas no sul do Brasil:** um estudo etnomusicológico sobre a escuta e o fazer musical na modernidade. Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 165 p., 2011.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990. 103 p.

SILVA, Janine Gomes da. **Tempo de lembrar, tempo de esquecer...:** as vibrações do centenário e o período da nacionalização: histórias e memórias sobre a cidade de Joinville. Tese (doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História., Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 307 p., 2004.

STAMBOROSKI JR., Amauri Antonio. **Música Popular Germânica no Sul do Brasil:** um panorama histórico da “bandinha” ao “pop do sul”. Funarte. Ministério da Cultura. São Paulo, 2011.

SUREK, Miecislau. **Banda Trem! vem de São Bento do Sul animar 9º Festival**. Diário do Paraná, Curitiba, 11 jun. 1967, p. 18. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/761672/63204>. Acesso em 20 nov. 2021.

SUREK, Miecislau. **Ativa a Campestre da Rio Branco**. Diário do Paraná, Curitiba, 30 ago. 1967, p. 9. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/761672/64193> . Acesso em 20 nov. 2021.



**GILBERTO GILBERTO
MENDES MUNDOS**

**18º ENCONTRO INTERNACIONAL
DE MÚSICA E MÍDIA**

18th International Music and Media Meeting



TOSTA DIAS, Márcia. **Quando o todo era mais do que a soma das partes:** álbuns, singles e os rumos da música gravada. Revista Observatório Itaú Cultural, nº 13 (set. 2012). São Paulo, Brasil: Itaú Cultural, 2012, p. 63-74. Disponível em https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5570710/mod_resource/content/1/Aula%2013%20Marcia%20Tosta%20Dias%20Quando%20o%20todo%20era%20mais%20do%20que%20a%20soma%20das%20partes.pdf. Acesso em 05 nov. 2021.

VALIOSA contribuição da Banda Tremel às festas aniversárias da cidade. **A Notícia**, Joinville, 26 set. 1962. Coluna de São Bento do Sul.

VEIGA, Maurício Biscaia. **Arquitetura neoenxaimel em Santa Catarina:** a invenção de uma arquitetura típica. Revista Confluências Sociais. v. 3, n. 1, Joinville. UNIVILLE. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5113104.pdf>. Acesso em 29 ago. 2022.

VICENTE, Eduardo; MARCHI, Leonardo de. **Por uma história da indústria fonográfica no Brasil 1900-2010:** uma contribuição desde a Comunicação Social. Música Popular em Revista, Campinas, SP, v. 3, n. 1, p. 7-36, 2014. DOI: 10.20396/muspop.v3i1.12957. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/muspop/article/view/12957>. Acesso em: 13 jun. 2021.

VOLUME 1. Banda Tremel. LP. São Paulo: RGE, 1962.

VOLUME 3. Banda Tremel. LP. São Paulo: RGE, 1965.

VOLUME 4. Banda Tremel. LP. São Paulo: RGE, 1966.

WERLING, Camila. **A música como representação dos movimentos germânicos e não-germânicos em Blumenau nas décadas de 1970 e 1980.** Dissertação (Mestrado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, p. 167. 2016.